

# REVISTA RECORTE

Revista do Mestrado em Letras: Linguagem, Discurso e Cultura

ISSN 1807-8591

---

## UMA UTOPIA PLEBEIA DO CINQUECENTO: “MONDO SAVIO E PAZZO”, DE ANTON FRANCESCO DONI<sup>1</sup>

Carlos Eduardo Ornelas Berriel<sup>2</sup>  
Professor de História Literária/Unicamp

**RÉSUMÉ:** Anton Francesco Doni “a été un des tempéraments les plus vivaces, les plus désabusés, les plus vivants, les plus *cinquecenteschi* qui se soient déjà présentés sur notre terre”; avec ces mots d’admiration avouée, Carlo Curcio présente celui qui a été tout à la fois “rebelle et hérétique, immorale et fustigateur de l’immoralité des autres, sacré et profane, turbulent et méditatif, insouciant et angoissé”. L’élément le plus révélateur du caractère singulier du Doni écrivain utopiste du Seizième par rapport aux autres auteurs d’utopies de sa période est peut-être sa volonté de “ne pas écrire pour les princes et savants, mais pour le peuple, intéressé à des solutions simples et directes pour leurs problèmes”. *Monde Savant et Fou*, publié en 1552, que nous présentons et traduisons en portugais le long de ces pages, est une des premières à reprendre le paradigme utopique en sens strict.

Anton Francesco Doni “foi um dos temperamentos mais vivazes, mais desabusados, mais vivos, mais cinquecenteschi que já se alinharam sobre a nossa terra”<sup>3</sup>; com estas palavras de larga admiração, Carlo Curcio apresenta esse que foi “um misto de rebelde e de herege, de imoralista e de fustigador da imoralidade dos outros, de sacro e de profano, de turbulência e de meditação, de despreocupação e de angústia”<sup>4</sup>. Talvez o elemento que mais revele Doni como um escritor original entre os demais autores de utopias do *Cinquecento* é o fato de “não escrever para príncipes e sábios, mas para o povo, interessado em soluções

---

<sup>1</sup> Apresentação e Tradução de Carlos Eduardo Ornelas Berriel. Este artigo foi originalmente publicado na revista *Morus – Utopia e Renascimento*, n. 1, 2004.

<sup>2</sup> Professor de História Literária do Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas e editor da Revista *Morus*. Autor, entre outros estudos, de *Mário de Andrade Hoje* (Ensaio, São Paulo, 1989) e de *Tietê, Tejo, Sena – a obra de Paulo Prado* (Papirus, Campinas, 2000).

<sup>3</sup> Curcio, C. *Utopisti e riformatori sociali del cinquecento*. Nicola Zanichelli Editore, Bologna, 1941, VIII.

<sup>4</sup> Idem, *ibidem*, VIII.

simples e diretas para seus problemas”<sup>5</sup>. Sua obra, *Mundo Sábio e Louco*, publicada em 1552, vem a ser uma das primeiras a compor o gênero utópico em sentido estrito.<sup>6</sup>

Anton Francesco Doni nasceu em Florença a 16 de maio de 1513, no início do pontificado do também florentino Leão X, filho de Lourenço de Médici. Era de origem bem pobre, pois seu pai, Bernardo d’Antonio, era um modestíssimo fabricante de tesouras, amolador de facas e comerciante. Ainda muito jovem, Doni tornou-se *servita* no Convento da Annunziata (Santa Maria dei Servi), com o nome de Frei Valério, mas pelo que os biógrafos puderam deduzir, era desprovido de vocação. O convento era um lugar conveniente para fugir das asperezas da vida, oferecendo conforto a alguém como ele, sem casa e sem família. Como a instrução estava incluída, lá no convento construiu o fundamental da sua cultura, que ficou, entretanto, incompleta e errática: mais tarde, este caráter de incompletude comporá o seu estilo. Em 1540 trocou o hábito de monge regular pelo de padre secular, por fuga ou expulsão – não se sabe. Disseram ter sido acusado de corrupção dos *fraticelli* que o custodiavam...

Nesta condição peregrinou pelo norte da Itália, iniciando uma vida errante, rebelde, trabalhosa, excluída quase sempre, repleta de combates e decepções. Em busca de protetores, esteve em Gênova, Pavia e Milão. Fixou-se em Piacenza para estudar Leis, e lá chegou a ser membro da Academia Ortolana, uma rara circunstância, para ele, de existência regulada. Mas como não tardou a descobrir que este campo também não lhe convinha, buscou serviço junto a senhores e prelados, tornando-se cortesão – certamente muito divergente das exigências construídas por Castiglione. Esteve em caráter precário e fugaz nas cortes de Roma, Veneza (onde, em 1544, publicou seu primeiro livro, sobre música) e Piacenza, até que, voltando a Florença, fundou uma tipografia, mas sem muita fortuna. Foi hostilizado pelos *Giunti* – não se sabe bem porque - e como a proteção do Grão Duque da Toscana, Cósimo de Médici, foi insuficiente, viu a fatalidade encerrar as atividades da gráfica. Ficou mais fácil ganhar a vida imprimindo em tipografias alugadas as suas próprias produções, que compunha rapidamente, e as traduções que fazia de outros autores. Retornou às peregrinações, esteve em Roma e Veneza (foi o momento do Concílio de Trento), e fixou-se finalmente no Vêneto, em 1547. Este foi o período mais fecundo de sua

---

<sup>5</sup> Trousson, R. *Viaggi in nessun luogo - storia letteraria del pensiero utopico*, Longo Editore, Ravenna, 1992, 46 s.

<sup>6</sup> Na literatura italiana é a primeira obra deste gênero.

vida de escritor e editor. A partir de 1555 vivia solitário num torreão abandonado, de onde saía à noite, nu, tido como louco pelo povo da cidade, e tocando um alaúde. Após um período de três anos em Ancona, onde também fundara uma tipografia, retornou a Monselice, onde morreu em setembro de 1574.

Doni foi um espírito inquieto, curioso, audaz e litigioso, e suas ásperas polêmicas com L. Domenichi e com Pietro Aretino – logo com quem! - marcaram época. Foi um espírito bizarro, pelo que podemos julgar de seus escritos. Escreveu sobre tudo, experimentou todos os gêneros, em verso e prosa. Qual era o público ao qual se dirigia? Isto é particularmente importante para compreender seu ambiente, já que vivia do retorno pecuniário imediato de seus escritos. Todas as suas obras têm um caráter de miscelânea, num estilo caudaloso e complicado, no qual reina a confusão. Doni não padece de hesitações literárias, ou mesmo de escrúpulos: seus textos são ricos de novos e vivazes fermentos, que buscam várias direções, inclusive (e talvez principalmente) a social. Nele, a realidade passa sempre por uma transfiguração radical, como nas fábulas. Ter vivido no período imediatamente posterior à dissolução da república florentina certamente contribuiu para sua atitude anárquica: afinal cético, considerava que nada pode corrigir a corrupção humana.

Como escritor, Doni não obedece servilmente às regras e à gramática, mas, ao contrário, as coloca livremente a seu serviço. Começou sua carreira literária com algumas *Lettere* (1543) e com os *Dialoghi della Musica* (1544) e do *Disegno* (1549), e continuou com a *Prima e Seconda Libreria* (1550-51), constituídas de uma enorme quantidade de indiscrições, boatos, zombarias, recolhidas sob o título geral de *La zucca* (1551-1552). Publicou uma série de discursos intitulada *I Mondi* (1552-53), de onde extraímos sua utopia adiante traduzida, e com *I marmi* (1553), a sua obra prima: nela, finge registrar a conversa ouvida em Florença, de pessoas sentadas nos “mármore” de Santa Reparata (ou Santa Maria dei Fiori, a catedral da cúpula de Brunelleschi), em descontraída tertúlia. Doni abre, assim, um registro do universo cotidiano do *popolo* toscano. A língua é do mais vivo e eficiente *parlare* florentino, apesar dos motejos funcionarem hoje bem menos do que na época.

Os escritos de Doni (que, como ele mesmo contou, eram lidos antes de serem compostos e impressos antes de acabados) são de uma ligeireza desconcertante, e,

chegando ao pedantismo (previsível, dada a sua origem) tratam - sem preparação sólida, mas de uma forma perfeitamente adequada às demandas espirituais da *scapigliatura* quinhentista - de toda sorte de assuntos: da *Moral Filosofia* (1552), onde incluiu muitas fábulas orientais, da *Memoria* e da *Eloquenza (Il Cancellieri, 1562)*, da reforma da humanidade (*I Mondi*), e assumem todos os gêneros: a comédia (*Lo stufaiolo*), a novela (espalhadas em toda a sua obra), relatos de patranhas (*La mula, La chiave*), o poema (*La guerra di Cipro*), a invectiva (*La vita dell'infame Aretino*). Segundo Raymond Trousson, Doni não rejeitava nem mesmo a pornografia. Sua obra faz adivinhar realmente o jornalismo moderno com mais evidência do que o próprio Aretino, pela prontidão com que capta o movimento das ideias, julga os valores dos fatos, lhes advinha os desdobramentos e consequências; pela facilidade com que localiza e fixa um tema e redige textos, que devem viver a vida da hora que passa, e não mais. Alguns escritos de Doni, com prontidão notável, parecem anteceder Galileu na aceitação das idéias copernicanas<sup>7</sup>. Em outros escritos Doni parece adivinhar o socialismo, conforme o julgamento apressado de Paul Lafargue, o genro de Marx. Mas com certeza Doni sonhou os sonhos de Thomas Morus, sendo o primeiro editor italiano de sua *Utopia*, traduzida por Ortelio Lando.

Podemos dizer que Doni representou, de um ponto de vista plebeu, aquilo que foi a vida intelectual do seu tempo. Sua utopia, *Il Mondo de' Pazzi*, constituída pelo sexto diálogo dos *Mondi* (1552)<sup>8</sup>, exprime uma visão de mundo esquemática, quase o contrário da austera *Città Felice*, de Francesco Patrizi da Cherso e da rabelaisiana Thélème, idealmente aristocrática. Sensível ao tópico das imaginárias cidades perfeitas, como a *Sforzinda* de Filarete, Doni concebe uma cidade a partir de uma planta que é apenas descrita, não desenhada: tem a forma de uma estrela, tendo ao centro uma “igreja mais alta que a catedral de Florença”, até então a maior do mundo; este templo possui cem portas, das quais partem igualmente cem ruas em direção às cem saídas da cidade: “Daí que quem estava no meio do templo e se virava num rodopio completo, conseguia ver de uma só vez a cidade completa”. Podemos reconhecer aqui “a paixão pelo urbanismo, pela simetria e pelo equilíbrio geométrico, reflexo do desejo de uma harmoniosa organização humana”, diz

---

<sup>7</sup> Como o astrônomo polonês publicou sua *Revolutionibus* em 1543, portanto no início da vida literária de Doni, deduzimos a prontidão desta atitude: Galileu as defenderia apenas na segunda década do século seguinte, setenta anos mais tarde.

<sup>8</sup> Esta obra de Doni conheceu afinal um respeitável sucesso, tendo oito edições italianas de 1552 a 1606, e três versões francesas (em 1578, 1580 e 1583).

Raymond Trousson<sup>9</sup>. Havia nisso ecos de Platão, Morus, Alberti, Leonardo, Guevara, que cogitaram a possibilidade de uma vida associada em uma *polis* racional, resultado da convicção humanista daqueles tempos. Mas na verdade Doni se afastava do humanismo: desatenta às demandas do espírito, sua cidade funcionaria apenas para a satisfação das necessidades básicas do corpo. Este procedimento é inquietante: revela um esgotamento do humanismo, em parte pela maré enchente da Contra Reforma, mas ao mesmo tempo não compartilha dos valores trentinos. Trata-se de algo novo, radicalmente precoce, que é estilo e ao mesmo tempo premonição de futuras exigências sociais.

Doni é um pensador severo quanto aos pressupostos utópicos. Seu extremismo leva a uma aplicação radical do comunismo econômico da Utopia de Morus. Será uma constante utópica considerar a agricultura como a atividade fundamental dos estados ideais; mas, para Doni, os ofícios urbanos, as manufaturas, gozarão de um prestígio equivalente ao do trabalho rural. Talvez aceitando as técnicas agrícolas aplicadas no Novo Mundo – a monocultura -, a terra na sua utopia é voltada para “a produção de uma única espécie de fruta ou verdura, e os camponeses são adaptados a uma especialidade de cultivo. As ruas são ocupadas por trabalhadores que praticam ofícios complementares entre si, como por exemplo: se de um lado estão os médicos, do outro estarão os boticários; de um lado os sapateiros, e em frente os curtidores de peles”<sup>10</sup>; e assim por diante. Doni constrói, fundamentalmente, uma coletividade fundada sobre a lei da natureza, de onde deriva uma igualdade social coerente com seu comunismo primitivo e integral. Sua utopia exclui inclusive a instituição da família, que para Morus, ao contrário, era a pedra angular do viver associado. Uma das conseqüências disto é o comunismo sexual; as mulheres ocupam duas ruas, e não há matrimônio: elas são comuns a todos. A condição feminina é um ofício, portanto, e “Deste modo não existiam parentelas e se ignorava de quem alguém era filho”. Não é difícil imaginar elementos biográficos influenciando seu imaginário social. Todos comem a mesma comida, e prevalece o princípio de que “quem não trabalha não come”. As moradias são iguais. Os hospitais acolhem os velhos e os enfermos. Pratica-se uma rigorosa eugenia, sendo as crianças deformadas jogadas num poço. Em decorrência, todos os homens do novo mundo são “belos, bons, são e frescos”. As crianças são criadas em comum, aprendem um ofício quando chega a hora, e não são forçadas aos estudos. Doni

---

<sup>9</sup> Trousson, R., op. cit., 46.

não trata da forma de governo desta cidade que, aliás, também não possui leis, nem exército, juízes, polícia... Não há propriamente um modelo político, já que esta cidade sobrevive no automatismo daquela vida coletiva, e os sacerdotes exercem o último resquício de um poder organizado. A religião é rudimentar, sem ritos, ainda que o povo, a cada sete dias, reze no templo “com grande devoção”. Há um vago deísmo, a religião é sem dogmas. Doni parece próximo de negar a imortalidade: um morto é apenas um corpo, “um pedaço de carniça”, descarregado no lixo com displicência. Ele não se preocupou muito com problemas religiosos: a sua cidade ideal, essencialmente plebéia, é antes de tudo, segundo Trousson,<sup>11</sup> “uma cidade terrena na qual as preocupações com a vida material superam as aspirações espirituais. O transcendente não é esquecido, mas relegado a um segundo plano, e é apenas a razão que organiza e legisla”. A vida afetiva é considerada um estímulo a paixões desagradáveis, e, portanto, sufocada. Por cima de tudo impera um maciço materialismo, que produz um radical nivelamento social.

Anton Francesco Doni é, portanto, uma presença singular no cenário italiano do século XVI. Essencialmente cético, descrê igualmente dos valores humanísticos que um novo homem sábio e pleno de civilidade, e da religião alheada à vida concreta do homem da rua – afinal, Doni é descrente nas instituições. Portanto, “elementar, violento e igualitário, seu comunismo é, sobretudo, uma reação violenta contra as estruturas sociais existentes: isso é de inspiração plebéia, não humanista. Diferentemente de Morus, Doni não se propõe jamais a elevar o espírito do homem, a torná-lo consciente da nobreza de seus deveres. Eliminando a nobreza, o clero parasita e as diferenças sociais, contenta-se com assegurar à maioria uma possibilidade material de vida. Ao sonho humanista da cidade ideal prefere a segurança de uma existência simples, conforme à lei da natureza”<sup>12</sup>. Mario Puccini, estudioso de sua obra, chegou a afirmar que entre Doni e Savonarola havia uma semelhança: “assim como Savonarola antecipava a reforma, assim Doni [antecipava] a decadência do espírito clássico e a inquietude das épocas que viriam”<sup>13</sup>.

---

<sup>10</sup> Idem, *ibidem*, 46.

<sup>11</sup> Idem, *ibidem*, 47.

<sup>12</sup> Idem, *ibidem*, 47.

<sup>13</sup> Puccini, M., *Le più belle pagine di Anton Francesco Doni*, Garzanti editore, Milao, 1932, XIII.

Dedicado ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Sr. Pietro Strozzi

## **Discurso do Elevado Acadêmico peregrino em nome de toda a Academia**

### **Aos leitores**

Muitos consideram que os grandes segredos e mistérios estiveram sempre velados, sob sombras, parábolas e figuras, e por meios semelhantes mostrados aos homens; podemos ler, igualmente, sobre coisas estupendas, saídas dos sonhos; os quais sonhos, segundo Santo Agostinho, possuem cinco ramos: sono, sonho, visão, êxtase e fantasma. Podemos ver, nos últimos tempos, que o homem tem ascendido às celestes esferas, elevando a mente às coisas do Divino Amor, abandonando estes terrestres pensamentos, e transformando tudo em coisa melhor. Por cima destas desejadas e doces fantasias, está a vontade de saber aquilo que está em nós; abaixo e acima; é diferente tentar saber aquilo que está fora do alcance de nosso entendimento; muitos homens se puseram a imaginar com o intelecto, e a alambicar o cérebro, como agora fazem os nossos acadêmicos, escrevendo não apenas sobre isto, mas sobre diversos Mundos (não como fizeram Demócrito e Epicuro<sup>14</sup>), sobre os sagazes segredos da Natureza, assim como sobre os ocultos mistérios do Céu e de Deus, o qual é incompreensível, e os seus caminhos não são investigáveis. Daí que este homem, Mundo pequeno, se aproximou do Mundo grande, o qual é esta máquina que se vê; e tem procurado unir-se ao Mundo Máximo, Deus onipotente; por muitos caminhos, através dos quais obtiveram vários êxitos.

Nada falta àquilo que está escrito, se não é comparado com certa pedra, como se faz com o Ouro; quero dizer que, se não se confirma com a palavra de Deus, tudo tenho por fábula e por quimera, para não dizer castelo no ar, como são muitas coisas destes Mundos. Portanto, querendo refletir sobre este e outros Mundos, e dar a crer e revelar aos homens várias fantasias, coisas as quais ninguém (creio eu) jamais escreveu, nem pensou, quero

---

<sup>14</sup> *Demócrito e Epicuro*: ambos conceberam o mundo como resultante das diversas combinações dos “átomos”, a parte menor e indivisível da matéria, segundo eles mesmos. Demócrito é um filósofo grego que viveu no século V-IV a.C.; Epicuro, também filósofo grego, viveu no século IV-III a.C.; a filosofia de Epicuro foi exposta por Lucrécio Caro (I século a.C.) no *De rerum natura*.

antes vos dizer que ao ler, deveríeis sempre tomar a pedra (de comparação), isto é, Cristo<sup>15</sup>; e sobre esta vos deveis fundar; é por este motivo que ele é escrito: ninguém busque outro fundamento. Tomai sempre aquela pedra, provada por aqueles que a fabricaram, a qual foi colocada depois no lugar principal da fábrica, e com ela faça a comparação com estes escritos, em parte verdadeiros, em parte duvidosos, e em parte resolvidos. De tudo aquilo que vos parecer bom ouro, dê glória àquele Senhor, o qual ressuscitando da morte, a vida libertou a alma nossa das mãos de infernal tirano; e aquilo que será alquimia, considere como capricho, como exalação de humores ou por bizzarria vazada para fora de muitas cacholas vazias. Creio bem que se tiveres paciência de ler, ouvirás certamente algumas coisas não menos maravilhosas do que novas.

Eu estou certíssimo que muitos homens não estarão à altura do nosso escrever, nem poderão, a certas coisas abstratas, imaginadas por nós, com os seus cérebros penetrar. Mas nós nos empenharemos com todas as forças do intelecto para fazê-los entender.

Ora, aqueles que não forem alçados ao grau daquela ciência que será necessário possuir, sintam-se contentes (disse Dante) com o “*quia*”,<sup>16</sup> e leiam com a inteligência que tiverem as sentenças, as parábolas, os exemplos, e as figuras não apenas destes diversos Mundos que pretendem descrever os acadêmicos nossos, que são em parte imaginados, e em parte verdadeiros; mas qualquer outro livro escrito por aqueles que, mais do que eu e eles, são inteligentes e doutos.

E necessário, portanto, fazermos como faz aquele cidadão nato, criado e prático na sua pátria, quando guia uma pessoa, recém chegada na terra, para ver as suas coisas belas. Primeiramente esta pessoa a conduz aos lugares gerais e conhecidos, depois aos particulares logradouros, e por último o leva a subir em alguns edifícios que senhoreiam a cidade, ou sobre alguma colina, e dali lhe mostra o lugar, a largueza, comprimento, e lhe faz conhecer os públicos edifícios, as estradas e todas as coisas; donde, neste lugar superior, ele vem a estabelecer na idéia a imagem da terra.

E necessário que façamos de modo similar com estes diversos mundos que hei de descrever; principiar com certas coisas notáveis, agradáveis a todos, não fabulosas ou

---

<sup>15</sup> *Pedra... Cristo*: como se prova o valor do ouro sobre uma pedra especial (*pietra del paragone*), assim de nossos ragionamenti se deve provar o valor na vida e no pensamento de Cristo.

<sup>16</sup> *Quia*: “*State contente umane gente al quia*”, Dante, *Purg.*, III, 37. Na tradução de Ítalo Eugenio Mauro (Editora 34, S.Paulo, 1998): “*Restai contentes, gente humana, ao 'quia'*”.



totalmente ridículas, mas plenas de curiosidade, para criar o desejo e para abrir o caminho ao leitor. Inicialmente com alguns segredos conhecidos; e ao fim, com uma superior inteligência, fazer entender e conhecer o ânimo nosso gradualmente.

Todos aqueles que tenham escrito novas invenções, para ensinar, ou para divertir, para tornar as mentes dos homens elevadas, para mostrar os segredos de sua memória e agudeza de engenho, ou para nos fazer crer (com uma opinião imaginada) alguma coisa verdadeira, e dá-la a entender como muito verdadeira ao Mundo, todos, afirmo, fingiram ter visões, sonhos, fábulas, e outros modos abstratos. Dante finge viajar, vivendo, ao Inferno, Purgatório e Paraíso. Matteo Palmieri<sup>17</sup> mostrou ser guiado pela Sibila no outro mundo e escreveu novas invenções das almas, e outras coisas muito sutis de imaginar-se. Virgílio foi Divino, Sanazzaro<sup>18</sup> na *Arcádia* admirável, e infinitos outros escreveram coisas supremas. Existiram, pois, na religião Cristã, alguns santos que revelaram através de visões muitas belas verdades. Os pintores (para ir mais baixo), mesmo eles são empenhados em dar-nos algumas coisas abstratas com as mãos, pintando-nos o Monte de Parnaso: as *Histórias* de Ovídio<sup>19</sup>, recobertas de fábulas, e Luciano<sup>20</sup> por narrativas verdadeiras, escreveram sobre coisas doutas. E enfim Esopo<sup>21</sup> com os ratos, rãs, moscas e macacos que adestrou otimamente. Não será, portanto, coisa estranha que inventemos novos mundos, povos, regimentos, hábitos, fábricas, prazeres e matérias novas para muitos, com os quais estou certo de que aprenderemos bastante. Fizemos, pois, como um convite, deste nosso livro, por este motivo que nos abastecemos com todo tipo de alimento, e que nesta mesa possam se saciar toda sorte de homens, seja de que grau, profissão, e ordem (ou desordem) se queiram, pretendendo sempre que todos reúnam diante dos olhos os alimentos bons, úteis, e são e não danosos; os quais, com todas as nossas forças, procuraremos remover deste

---

<sup>17</sup> *Matteo Palmieri*: florentino, viveu entre 1406 e 1476. Escreveu: *Città di vita*, poema em *terza rima* que trata da origem e do destino da alma. Escreveu, entre outras: *La città civile*, onde se delinea o ideal do reto cidadão; o primeiro livro trata da educação, o segundo e o terço da honestidade, o quarto do útil.

<sup>18</sup> *Virgílio... Sanazzaro*: de Virgílio (70 a.C. - 19 a.C.) se refere à *Eneida*, a viagem ao inferno e à origem de Roma; de Sanazzaro (1456-1530) lembra a *Arcádia*, romance bucólico.

<sup>19</sup> *Ovídio*: nascido em 43 a.C., morreu em 18 d.C. Provavelmente Doni se refere a duas obras de Ovídio, isto é, às *Metamorfoses* e aos *Fastos*.

<sup>20</sup> *Luciano*: Luciano de Samosata (125-196 d.C.), escritor grego que coloca em burla a religião e a filosofia de seu tempo nos seus celebres diálogos: *Timone*, *O diálogo dos deuses*, *dos mortos e das cortesãs*, *L' Ermotino*, *O Asno*.

<sup>21</sup> *Esopo*: fabulista grego, talvez contemporâneo de Sólon, teria vivido antes do século V a.C. Através das fábulas dos animais satirizou os costumes e os defeitos dos homens. Teve imitadores entre os latinos (Fedro) e entre os modernos (La Fontaine).

repasto, para que não causem dano a alguém. E para que coisa alguma fique para trás sem ser dita, e somente para abrir-vos a estrada destes Mundos, iremos introduzir nestes primeiros dizeres o fundamento de duas Academias, nas quais existem muitos acadêmicos literatos, que farão todos estes raciocínios e com a doutrina deles satisfarão a todos os vossos e meus desejos.

## MUNDO SÁBIO DA ACADEMIA PEREGRINA<sup>22</sup>

### **Dedicado ao Ilustríssimo Senhor Marquês Doria<sup>23</sup>**

#### O MUNDO SABIO E LOUCO

*Do Sábio Acadêmico peregrino aos leitores:*

Depois de ter virado e revirado meu cérebro para decidir sobre o que deveria vos dizer nesta epístola, finalmente cheguei a uma conclusão. Tereis, talvez, prazer em saber aquilo que eu havia caraminhulado para vos dizer. Esta seria uma pergunta que certamente faria aquele que diz: quem vai atrás dos problemas dos outros não pode ser sábio. Estou muito contente de vos dizer alguma coisa sobre isso. Antes admirai o nome, se eu deveria chamar-me Sábio ou Louco; se eu me batizasse de maluco, tudo aquilo que eu houvesse escrito as Senhorias Vossas a tomariam por maluquice. O dizer-se sábio não quer dizer nada, pois a isto se responde dizendo que mesmo os doidos varridos não se têm na conta de loucos, mas de sábios. Se, portanto, vós me chamares pelo meu nome não seria grande coisa, porque Sábio quer dizer em língua italiana, literalmente, Louco público e notório.

A segunda coisa que eu astrologuei no meu cérebro foi o título deste novo Mundo, e após ter caraminhulado por seis ou sete horas, cravei firme no nome de Mundo de Sábios, ao qual se lhe solta a brida sobre o pescoço para que possa correr à rédea solta entre os Sábios e os Loucos; e podeis chamar a ele [Mundo] e a mim Louco e Sábio e Sábio e Louco, se quiserdes. Se acontecer de vós o chamardes Mundo hermafrodita não darei a

---

<sup>22</sup> *Academia peregrina*: invenção saída da fantasia de Doni. A maior parte das notas seguintes é da autoria de Benedetto Brugia.

<sup>23</sup> *Marquês Doria*: provavelmente Doni se refere a Andrea Doria.

mínima importância, porque a novela que eu pensei ultimamente em vos contar está prontinha para começar, e é esta que se segue.

Dizem que houve uma Era dos Adivinhos, quando as pessoas sabiam o que ia acontecer dia após dia e de hora em hora, e estas adivinhações vinham através do astrolábio e por meio de Capricórnio e Câncer (pois que continuem a vir!), e sabia-se que todos aqueles do país, no qual estes borboletões habitavam, haviam de tornar-se loucos, louquíssimos; e que esta loucura haveria de durar para eles várias semanas, e sabe Deus de que jeito se curariam. E este acontecimento deveria se dar porque havia uma grande seca, e aguardava-se uma grandíssima água; daí o grande fedor que o terreno deveria fazer: batendo ele no nariz, era de amolecer os miolos. Assim estes astrólogos, ou adivinhos, como prefiro dizer, antevendo esta loucura, se juntaram, isto é, uniram todas as suas sabedorias numa só, e ordenaram que se construísse um salão com três ou quatro camadas de paredes; e o fizeram revestir com pedras, e taparam todos os buracos e todas as frestas das saídas e das janelas, de modo a que o fedor da terra não chegasse até seus cérebros.

Eis o fedor, chegou o dia em que começou a chover, e eles num instante correram a entocar-se lá dentro, naquela casa maluca que haviam mandado fazer num belo lugar. Neste caso as senhorias deles estavam mais para loucos malvados; seja lá como for, disse Cato, haviam imaginado fazerem-se senhores dos outros, dizendo: “nós não sentiremos o fedor e não enlouqueceremos; já os outros, sentindo o mau cheiro, enlouquecerão; nós seremos os sábios, e eles os doidos; já que assim determinam as ordens (*ler 2. F.F. de consultis; codice 4 m. de finibus, e texto p.s.f.f.c. de nonnulis*) que os sábios governem os loucos; *ergo*, nós seremos senhores de todo este território”; a essa altura entre eles havia uma confusão de trapos, um saltar de alegria, um esfregar de mãos uma na outra e o cu na terra, rindo-se escancaradamente. Em resumo: eles pareciam estar no cio como os gatos de janeiro, lá dentro, quando escutaram vir abaixo aquele aguaceiro, pois chovia a cântaros; e as cadeias viriam a calhar para eles. Passadas enfim a enchente e a chuva, os rios chegaram para todo mundo na cabeça, e daí começaram a fazer mil maluquices. E pularam fora, para apoderarem-se da terra e se assenhorearem da coisa toda. Acrescentarei ainda que estes sabichões fizeram certos vasos, os quais, em dado momento, eram fechados através de um engenho, e os puseram em alguns lugares secretos, e no tempo da chuva, quando o fedor estava no ar, os vasos se encheram daquela fumaça, e foram tampados. Aqueles vasos

existem até hoje, e sempre aparecerá alguém para os multiplicar, e quando, por desgraça, num belo dia, eles caírem nas nossas mãos, e nós os cheirmos, num instante daremos pinotes e ficaremos com o miolo mole. Creio que um destes potes foi aquele da madona Pandora; que tinha dentro todos os males, e que saíam fora (se o texto não falha)<sup>24</sup> aos goles: porque ser louco varrido ou ter o cérebro derretido é carregar todos os males nas costas, quer estejam ou não estejam no mundo. E não acreditem naquelas zombarias que fazem os poetas a respeito dos peidos, pois com eles saíram todos os defeitos e as doenças uma a uma, e que o sono tenha nos fique dentro. Mas sim! Ser doido, eu lhes digo, é a melhor coisa que há. Ainda que aquele pobre Orlando devesse inalar o vaso de Angélica (isto é, o que Angélica possuía), que devia ser, também aquele, um destes: e enlouqueceu e precisou depois, para voltar a si, cheirar uma ampola.

Basta, pois, o caso foi que os astrólogos adivinhos saíram fora, depois de alguns dias, sábios sábios sapientíssimos, que pareciam ter a reputação retratada a pincel, e caminharam em procissão diretamente para as pessoas, como se fossem cordeiros pascais. E quando viram o povo todo a correr, a enfurecer-se aqui e ali, a saltar rir gritar assobiar cantar dançar tocar, e alguém fazia uma coisa, e uma outra endoidecia; tanto é, um rumor um estrondo um ribombar como se vós vísseis hoje num canto saltimbancos praticando modernos saltos, músicos de um outro num coro como os estorninhos que fizessem: am em im, am em im, o a e o a e o, com a voz, e outros músicos que tivessem a boca cheia de vento, inchadas as bochechas, com aqueles rostos feios, durante todo o dia fazendo: chiurluru, liron liran, chiurluru, liró liran; havia quem ficasse pondo a língua para dentro e para fora, um outro ameaçava com o dedo, tapando buracos, e alguém entregava um documento em pergaminho fazendo: tutu, pitipu, tupitu, tu, até à noite; depois fizeram oito ou dez danças de geração diversa, que saltavam e pisavam o terreno o dia todo, como se faz com a uva na tina: uma coisa parecida faziam estes loucos, que tinham a cabeça cheia daquela fumaça.

Os sábios, portanto, quiseram começar a impor regra a esta situação, e a dar ordens aqui e ali. Ah, ah, ah! Me dá até vontade de rir. Pois a coisa aconteceu de outra maneira, porque os malucos eram muito mais mais mais numerosos que os sábios, e vendo que aqueles não faziam como eles, os doidos ficaram à sua volta com más palavras e piores

---

<sup>24</sup> Há nesta passagem um duplo sentido: tanto pote quanto texto, em toscano, são *testo*. Boccaccio utilizou-se

atos, e afinal os sábios foram forçados a fazer como eles, e enlouquecer contra sua própria vontade. Assim os sábios entraram para o número dos doidos, a despeito de si mesmos.

Eu, pois, cogitando criar um mundo de sábios e ter nome de sábio, duvido que não me torne louco, e que não crie o mundo dos loucos; mas eu vos juro pela minha fé, que, se vós sábios leitores não entrastes ainda no mundo dos loucos, contra a vossa vontade vos farei entrar.

*O Louco e o Sábio Acadêmico, por uma visão mostrada por Júpiter e por Momo<sup>25</sup> em forma de peregrinos, vêem um novo mundo o qual por um é chamado Louco e pelo outro Sábio.*

**Sábio.** Bem que me parecia sonho, bem que eu dizia que isso não podia ser, mas, no entanto, havia tanto de próprio, de vivo, e de bom, que me entretinha com grandíssimo prazer.

**Louco.** Às vezes os sonhos tornam-se realidade, e se tu quiseres me dar um imenso prazer, como já me destes tantos antes, isto é, que tu não vistes nunca a mais bela coisa, começas do começo e desenes o lugar, e de cada coisa conte-me tudo nos mínimos detalhes. Parece-me grande novidade, realmente, que se encontre um outro mundo em que cada um goze tudo aquilo que se goza neste nosso, e que não tenham os homens senão um só pensamento, e que todas as paixões humanas tenham sido descartadas; começai, pois, desde o princípio do sonho.

**Sábio.** Parecia-me estar na nossa Academia e que entravam dois Peregrinos, os mais belos homens que jamais vira, e depois que lhes fizeram ver e compreender as nossas ordens, depois de ouvidos os nossos pensamentos, escutadas as nossas lições e enredando-nos com isso, pareceu-me que um deles me pegava pela mão e o outro pela outra, e que me levavam a um Mundo novo, diferente deste.

**Louco.** Só sei que eu não fui, nem me lembro de haver sonhado coisa alguma.

**Sábio.** Estes peregrinos nos conduziram a uma grande cidade, a qual era construída em círculo perfeitíssimo, à guisa de uma estrela<sup>26</sup>. É preciso que tu imagines a terra desta forma, como eu a desenho no chão. Eis que eu te assinalo um círculo: faz de conta que este

---

também deste recurso de duplo sentido no célebre conto XXX do livro XXX do Decameron.

<sup>25</sup> *Momo*: filho da noite, deus do motejo, do sarcasmo.

<sup>26</sup> *Cidade... estrela*: os arquitetos do *Cinquecento*, Leon Battista Alberti, Leonardo e outros, conceberam planos urbanísticos em formas geométricas perfeitas. Estas noções foram plenamente incorporadas ao raciocínio utópico.

cercado seja as muralhas e que no meio, onde eu faço este ponto, seja um templo alto, grande como a cúpula de Florença quatro ou seis vezes.

**Louco.** Será preciso que troquemos teu nome pelo meu, porque dizes coisas de maluco.

**Sábio.** Escute simplesmente. Este templo possuía cem portas, das quais tiraram a linha, como fazem os raios de uma estrela, e estas iam diretamente aos muros da cidade, os quais possuíam igualmente cem portas. Assim, vinham a ser também cem as avenidas. Daí que quem estava no meio do templo e se virava num rodopio completo, conseguia ver de uma só vez toda a cidade.

**Louco.** Agrada-me que chegando alguém nesta terra, estava fora de questão a possibilidade de errar o caminho, e àqueles de dentro ensiná-lo, pois não é pouca dor de cabeça ter que perguntar para onde se vai: daqui, dali, quebra a mão esquerda, retorna, pára, e não se vai mais adiante. Existiam outras cidades no mundo novo, como esta?

**Sábio.** Cada província possuía uma, assim como se fossem a Lombardia, a Toscana, a Romagna, Friúli, a Marca e daí em diante.

**Louco.** E o restante do país entre estas províncias, para que servia?

**Sábio.** Servia, que cada terreno frutificava segundo sua própria natureza; porque, onde dava bem a videira, não se plantava outra coisa; onde o frumento, onde o feno, e onde a lenha, não se ficava dividindo o trabalho em várias coisas, mas se ocupava de uma só destas coisas.

**Louco.** Agora sei porque nossas propriedades não nos rendem mais, como nós queremos: fazer frutificar num único tipo de terra todas as coisas, aveia, vinho, azeite, frutas, grãos, lenha e feno. Onde, em vez de um, há dois campos de terra, que querem que dê tudo; e o terreno não é bom para tantas coisas: a sua natureza não o comporta; uma produz bem, e dez mal<sup>27</sup>.

**Sábio.** Assim me parece também. E todos aqueles que habitavam a aldeia que produzia vinho, não cuidavam de outra coisa senão de vinhas: plantar vinhas, cultivá-las, aumentá-las e governá-las; de tal forma que, em poucos anos, conheciam a natureza das plantas, e a experiência do passado produzia milagres com aquela planta.

**Louco.** Esta coisa me parece fantasia, tornar-se perfeito numa coisa.

---

<sup>27</sup> *Campos...mal*: o racionalismo de Doni, perspectivado também no cultivo dos campos, é aplicado ao modo de trabalho agrícola, usando as descobertas científicas e técnicas da época.

**Sábio.** A cidade possuía em cada avenida duas artes; por exemplo, de um lado ficavam todos os alfaiates, de outro todas as lojas de pano. Uma outra avenida: num canto especial, numa esquina, estavam todos os médicos. Uma outra rua: sapateiros que faziam sandálias e botas, de outro todos os coureiros. Numa outra rua: padeiros que faziam pão, e em frente moinhos que moíam a seco. Uma outra rua: várias mulheres que fiavam e teciam fazendo seus fios com perfeição, e aqueles no cruzamento teciam. Daí que chegavam a ser duzentas as artes, e cada qual não fazia outra coisa senão aquela mesma.

**Louco.** E com relação à comida?

**Sábio.** Existiam duas ou três avenidas de estalagens, e aquilo que cozinhava uma cozinhava a outra, e tanto davam de comer a um quanto a outro. Estas não tinham outra atividade senão dar de comer às pessoas; e quando tinham necessidade de roupas, iam até o alfaiate e as requisitavam; assim com todas as coisas para o seu próprio uso; e eram repartidas as bocas; portanto tocava por refeitório, digamos, cinquenta ou cem ou duzentos homens; e quando haviam dado de comer a tantos quanto lhes tocavam, fechavam a porta, de tal forma que todos percorriam gradualmente de uma em uma até à última. E de cada avenida cuidava um sacerdote do templo, e o mais velho dentre os sacerdotes era o cabeça da terra, o qual não possuía nada além do que qualquer outro. As vestimentas eram todas iguais, salvo que a cor, até aos dez anos de idade, era branca, até aos vinte verde, dos vinte aos trinta violáceo, até aos quarenta vermelho, e depois pelo restante da vida era negro; e outras cores não eram necessárias.

**Louco.** Também isto não me desagrade por tal equidade, pois se o nascer e o morrer correm por uma linha, é melhor que o viver também não saia da linha<sup>28</sup>. Mas e quem adoecesse?

**Sábio.** Ia para a avenida dos Hospitais, onde era cuidado e visitado pelos médicos; e pelo menos a longa experiência, e tantos médicos, que não tinham outras obrigações, e aplicavam todo o seu saber na cura, e faziam bem todas as coisas.

**Louco.** Ih, que confusão se um rico fosse para o hospital.

**Sábio.** É uma coisa da cabeça; naquele lugar ninguém era mais rico do que o outro. Tanto comia e vestia um, e tinha a casa abastecida, quanto outro.

**Louco.** E para nascer, como eram as coisas?

**Sábio.** Uma rua ou duas de mulheres, e as coisas andavam do modo costumeiro. Não se sabia nunca quem era filho de quem, e deste modo a coisa ficava igual: porque nascendo, era criado, e quando chegava a idade certa, era posto para estudar ou aprender uma arte, segundo aquilo que lhe ditava a natureza.

**Louco.** Bendito seja este país! Que expulsa a dor da morte da mulher, dos parentes, dos pais, das mães e dos filhos, onde não se precisa jamais chorar.

**Sábio.** Jamais não; porque se tirava da mãe o filho logo assim que estava grandinho, e se dava ao governo dos homens; e as meninas às outras mulheres, que se dedicavam ao ensino.

**Louco.** Aí neste lugar não havia roubos; porque não se saberia o que fazer com as coisas quem as houvesse tirado, porque, tendo como viver e vestir e ser governado, não havia embaraço. As mulheres deveriam ter os paninhos para se trocar, e haveria os empórios de cada coisa: "Toma esta velha, dá-me uma nova, eis a feia, dá-me a branca".

**Sábio.** Era assim mesmo.

**Louco.** Mas aquilo das mulheres serem de posse comum, isso não me agrada.

**Sábio.** Ao contrário, por ser uma coisa de doido te agradaria.

**Louco.** E os dotes e as disputas?

**Sábio.** Mas que dotes e que disputas? Por qual motivo haveria eles de disputar? Tudo era de posse comum, e os camponeses se vestiam como os moradores da cidade; porque cada qual entregava o fruto de seu trabalho, e pegava apenas aquilo de que necessitava. Imagine se tivesse que vender, revender, comprar e recomprar!

**Louco.** Oh, que possam eles estarem sempre de acordo com esta forma de viver! Pois a turba dos notários, dos procuradores, dos advogados, e outras arapucas que existem aos montes, e tantos e tantos enganos e falsidades mercantis são difundidos nestes países. Pelo que vejo aí se deu mal a balança, a braça, o alqueire, a mina, a vara<sup>29</sup> e tantas medidas que existem no mundo para atormentar as pessoas.

**Sábio.** A cada sete dias faziam a sua festa, como nós o Domingo; e naquele dia não faziam outra coisa senão ficar no templo com grande devoção. E cada noite, duas horas antes de

---

<sup>28</sup> *Também...linha:* O discurso de Doni tende a mostrar um tipo ideal de sociedade igualitária em grande parte tirada da *Utopia* de Morus, do qual Doni foi o primeiro editor na tradução italiana.

<sup>29</sup> *mal... cana:* são as medidas ou instrumentos de medida usados naquela época: *stadera*, balança; *braccio*, medida linear; *stajo*, medida de cereais, equivalente a meio hectolitro; *mina*, medida, ou moeda, ou peso; *canna*, medida para líquidos.



anoitecer, cada um fazia a festa comemorativa do seu trabalho. Assim, em cada dia acontecia haver de cada coisa um pouco; e de manhã todos visitavam o templo, e depois cuidavam de suas obrigações.

**Louco.** E os muito velhos, velhíssimos, que não podiam fazer nada, nem mesmo caminhar?

**Sábio.** Ficavam nos hospitais, e eram cuidados e mantidos todos da mesma maneira. E havia isto: cada um fazia ao outro o que gostaria que fosse feito a ele.

**Louco.** Esta ordenação é boa para sair de sua boca, porque é coisa sábia. Mas e os monstros que nasciam, como por exemplo: corcundas, mancos, caolhos, etc, etc, e aí?

**Sábio.** Havia um poço grande, no qual se jogavam dentro todos, logo que nasciam, e, portanto, não eram vistas estas deformidades naquele mundo.

**Louco.** A coisa me vai; mas não a louvo. E as enfermidades incuráveis, como são os cânceres, o mal francês, fístulas, pústulas, tísicas e outros males?

**Sábio.** Certa bebida espirituosa de *risagallo*<sup>30</sup>, e sublimados, e arsênicos, e semelhantes xaropes os curavam num instante.

**Louco.** Quanta desonestidade!

**Sábio.** Oh, eles se davam o que é belo, bom, são e fresco; o que faz bem, e não mal. Eles podiam com legítima razão se servir ah vontade. Era realmente uma bela coisa, realmente, sair do sufoco sem dificuldade, e ganhar a vida livre do prejuízo e da insegurança.

**Louco.** Eu começo a compreender que desapareciam todos os vícios, lá não tinha jogatina, porque ter dinheiro, e não saber o que fazer com ele, é um sonho.

**Sábio.** Dinheiro não canta para nos, disse o Cego<sup>31</sup>. Aqueles que providenciavam a comida iam buscar a carne no açougueiro, o vinho na adega, a lenha no depósito. E, sobretudo, me agrada isso de tratar com igualdade as pessoas, acabar com os da alta e os de baixo, o andar no meio, e outras cerimônias nossas.

**Louco.** É verdade, é verdade, concordo em grande parte. E como eles faziam com relação às mulheres, para não ter confusão?

---

<sup>30</sup> *Risagallo*: combinação natural do arsênico com o enxofre.

<sup>31</sup> *Dinheiro...cego*: provérbio toscano, de difícil tradução. No original: “*Danari non ce ne canta, dice il Cieco*”. O sentido geral seria: o dinheiro não chama por nós.

**Sábio.** Ter uma, duas, três, cem ou mil mulheres sob o comando da S.V. não vos fará nunca cair em bizarrice, porque o amor perde o sentido, tanto mais que o homem fica acostumado àquela lei, àquela mesmice sem amor.

**Louco.** Assim se deve fazer: deixar a coisa no benefício da natureza. Mas e se alguém se apaixonasse?

**Sábio.** Não sabes tu<sup>32</sup> que o amor consiste na privação da coisa amada, naquela raridade, naquela dificuldade? Melhor deixar passar semelhantes apetites; e aquele hábito de não ter sofrimento, cancela imediatamente esta alternativa.

**Louco.** Isto lá não me agrada muito, este sistema de ser privado de um ardente desejo amoroso, e de um fervoroso anseio.

**Sábio.** Se tu considerasses quantos males são evitados, não dirias assim. O vitupério não existiria, a honra não seria atacada, os parentes não seriam vituperados, não seriam assassinadas as esposas, nem mortos os maridos, não aconteceriam todos os dias brigas, as mulheres não seriam motivo de infinitos males, desapareceriam os tumultos das bodas, as ocultas traições dos casados, os cafetões, os litígios das recusas, o assassinato por causa dos dotes, e as armadilhas enganosas dos celerados. Até as mulheres, por causa de estupro, mataram seus maridos, e disto existem ainda antigos e modernos exemplos. E por uma mulher, por um outro amor, já foram aniquiladas famílias honradas e casas nobilíssimas.

**Louco.** Este teu argumento tem bem um certo quê de verossímil. Mas e se alguém não quisesse trabalhar, o que acontecia com ele?

**Sábio.** A quem fosse poltrão - depois que se tivesse suportado uma, duas e três - se ordenava que não comesse, a não ser depois de feito o seu trabalho.

**Louco.** Quem não trabalha não come, portanto?

**Sábio.** *Domine ita*<sup>33</sup>. E cada um tinha para comer o mesmo tanto que o outro, como já disse.

**Louco.** Um guloso estaria em maus lençóis.

**Sábio.** Que gula queres tu que lhes venha ao apetite, depois de se terem empanturrado com seis ou dez tipos de viandas?

**Louco.** É bem feito. Bem. E agrada-me esta ordenação de apagar aquele vitupério da embriaguez, dos vômitos, aquilo de ficar cafajestando cinco ou seis horas à mesa.

---

<sup>32</sup> Doni troca o tratamento da 2ª pessoa do plural para a 2ª do singular.

Realmente assim é melhor. Sei que as compotas, os doces, os cozidos, os molhos, não dariam excessivo distúrbio à voracidade da nossa garganta insaciável! E a carestia não devia ser um grande problema para eles. Mas, e se outra terra tivesse vontade de capturar essa aí?

**Sábio.** Para fazer o quê? Primeiro, não existiam armas de ataque ou de defesa; e depois, quem a tomasse, o que faria com ela? Se desejasse que alguns trabalhassem e outros aproveitassem, que poucos tivessem muito, e os muitos, pouco; não sei que importância teria isto; porque não existiam as pompas, nem as modas, nem os torneios, nem os prodígios dos cavaleiros errantes, e não compartilhar com este ou aquele. E depois quem se incomodaria em fazer isso? com que vontade? com que finalidade?

**Louco.** Semelhante salão me dá a impressão uma vida de besta, em certas coisas, e, em certas outras, de uma existência de meio homem e meio cavalo, e outra de homem por inteiro. Mas e se alguém ficasse doido, isto é, ficasse furioso e começasse a quebrar, rasgar, destroçar, e a jogar fora todas as coisas?

**Sábio.** Não é necessário que vás tão a fundo; porque as razões para se tornar louco são infinitas, e nós as temos todas; daí, se não houvesse as ocasiões, existiriam poucos loucos, ou nós seríamos todos loucos, ao nosso modo.

**Louco.** E com relação a certas coisas, como o vestir, o jogo, o engano, a dor da perda de uma coisa e outras infinitas artimanhas?

**Sábio.** São as mesmas coisas.

**Louco.** E quanto a andar a cavalo?

**Sábio.** E onde? para quê? para transportar que coisa? para fazer o quê? para quebrar o pescoço? Os cavalos transportavam a carga; as mulas e os asnos, e aqueles que transportavam a esta vila as coisas necessárias a eles, transportavam à cidade dos outros para sustento daquela.

**Louco.** Quem cuidava disso?

**Sábio.** Um homem que morava à porta da cidade, com dez homens que só cuidavam de tomar providências pela sua rua.

---

<sup>33</sup> *Domine, ita*: expressão latina que significa “O Senhor é assim”.

**Louco.** E se a alguém desse a vontade de pôr fogo numa casa ou numa vila, para ver uma bela fogueira? ou de dar uma volta com um cavalo carregado por um penhasco abaixo para vê-lo despencar, que aconteceria?

**Sábio.** Aqueles dez homens o levariam até o principal da terra, que lhe daria uma *manna*<sup>34</sup> de arsênico, e o curava de seu humor.

**Louco.** E se ele fosse muito forte?

**Sábio.** Bobagem! Não se pode resistir a tantos, nem se defender de centenas de populares.

**Louco.** E se alguém gostasse de música, que fazia? Existiam músicos?

**Sábio.** Claro! No dia em que repousavam, se faziam no templo cem variedades de música; e por serem experimentadas e ensaiadas, não se poderia ouvir mais admirável coisa, porque não cuidavam de outra coisa, e toda noite se faziam ouvir no templo; de tal forma que todo mundo se deleitava com esse esforço, essa virtude, essa arte, entre um e outro, e (como se diz) uma mão lava a outra.

**Louco.** E existiam pintores e escritores?

**Sábio.** Sim senhor.

**Louco.** Oh! E quando tivessem pintado toda a terra, qual era a obrigação deles?

**Sábio.** O tempo desgasta; e conforme apareciam coisas de mais valor, eles apagavam as mais feias, e faziam as coisas mais belas, estórias e fantasias.

**Louco.** Este mundo de loucos, ou de sábios se você prefere, que tu vistes, seria preciso fazê-lo quando não se sabia nada; que aqueles homens eram grandes, como macarrões, e não foram as deusas, os deuses, as ninfas, os pastores, as fadas, as festas, as fábulas, e os poetas em má hora acharam mais idéias, mais numes, mais gênios, sombras, mentiras, que não são as lorotas dos astrólogos. Existiam poetas?

**Sábio.** Sim, mas precisavam suar a camisa, fazendo outras coisas além de versos: ainda, como direi, pescar, caçar, pegar pássaro, fazer redes, e outros ofícios além de cantar versos, que não lhes causasse excessiva manufatura de suor<sup>35</sup>.

**Louco.** Puxar uma carreta seria o melhor para eles! Porque ter uma arte assim desesperada nas mãos, lhes sucederia fazer versos bestiais.

---

<sup>34</sup> *Manna...arsênico*: *manna*, suco adocicado de origem e composição diversa pv arsênico, metalóide que forma compostos venenosos ou terapêuticos. A *manna fatta d'arsenico* é provavelmente um medicamento inventado por Doni.

<sup>35</sup> *Manufatura de suor*: para Doni a poesia nasce do trabalho que tem relação com a natureza.

**Sábio.** E apesar disso deixam-nos soltos neste mundo, sem dar a eles outro tormento!

**Louco.** E quando alguém morria?

**Sábio.** Era levado ao hospital. E faziam como se faz agora nos hospitais entre nós: enfiava-se lá, sem grandes velórios, sem levá-lo a sacudir numa volta com a procissão, a exhibi-lo vestido de ouro ou de seda; mas como um pedaço de carniça que era (não mais homem, cadáver e não coisa de qualquer coisa) se enfiava lá na terra, para devolver à terra aquilo que ele havia consumido da terra por tanto tempo. E como coisa ordinária se estimava, como acidente natural.

**Louco.** Veja, quando alguém morria não ficavam tantos testamentos, que causam brigas durante toda a vida de um homem! Veja que um pai não tinha medo que o filhinho caísse na vida, quebrasse os canecos, nem que morresse de fome. Simplesmente acabou-se, tantas economias, depósitos, cofres, ossos, breves, bandeiras, armas, livros, tochas apagadas, estandartes, novelas, fumaças e coisa nenhuma. Veja que eles não tinham que se preocupar se a esposa fosse *donna e madonna*<sup>36</sup>, ou que não tornasse a se casar. Que importa a alguém se ela tornar a se casar ou não? Como se ele fosse voltar para ela. Ora que besteira! Agrada-me esta coisa, oh, como me agrada!

**Sábio.** A todos os loucos agradam as coisas de doidos.

**Louco.** Por minha fé, que ainda tenha gente que dê tantas voltas na cabeça e faça tantas artimanhas, tendo que depois bater as botas; é uma coisa de doido. Deixem que as coisas tomem seu rumo, em benefício da natureza, e se há algo na vida para ser gozado, um homem deve tê-lo. Todos somos criaturas de Deus! O que é ruim é distribuído entre muitos, e aquilo que é de um só, é posto em comum. O tal fulano possuía um baú de ducados, e os gastou em um ano; se os tivesse torrado em apenas um mês, que importância teria? Ele os gastaria de qualquer modo. Mas neste país não acontecia a falência dos comerciantes, que é um estrangulamento, um torniquete, uma maldade: e acontece tantas vezes em nossos dias.

**Sábio.** Isto leva à falência.

**Louco.** Dar um basta à falsificação das coisas e das moedas, ao engano, dando uma coisa por outra, com juro e perjuro; e, sobretudo, os sobressaltos da morte ficavam esquecidos, e se poderia viver sem cuidados. E as coisas daqueles que morriam, quem herdava?

---

<sup>36</sup> No sentido de *mulher casada e grande dama*.

**Sábio.** Que coisas? Não se possuía nada além daquilo que se tinha em cima do corpo, e em casa a cama onde se dormia. Talvez houvesse a tapeçaria, a prataria, a vaidade, o supérfluo; e aquele que morria, por quê haveria de se incomodar com as coisas que deixava?

**Louco.** Também esta é uma bela coisa, e o homem se livra de um grande trabalho. Mas diga-me, como fizeste tu para sonhar tantas coisas? E me pareces ser um daqueles, e lá estivestes um tempo, eu acho. Quem era tu? O que fazias?

**Sábio.** Fui um daqueles do templo.

**Louco.** Devias ter poucas obrigações.

**Sábio.** Toda manhã me cabia ministrar para minha avenida, e ensinar.

**Louco.** O que lhe cabia ensinar? A prática era boa mestra.

**Sábio.** Ensinava a conhecer Deus, e a agradecer-lhe por tantos dons, e a que amassem uns aos outros.

**Louco.** Faça ponto, faça pausa, que isto foi o melhor que tu dissestes: conhecer Deus, agradecer a Ele e amar o próximo. E por ora, deste teu sonho não quero mais saber de nada. Eu compreendi de que forma era a cidade, e a principal parte do regimento dela mesma. De uma outra vez contarás todo o restante.

**Sábio.** Sim, para mim está ótimo. Eu também estou arrebetado. Adeus.

**Louco.** Não me leve a mal por zombar de tua narrativa, como dizemos cá entre os da terra, porque os loucos não gostam de fazer senão aquilo que lhes dita a cabeça, e a sua bizzarria.